



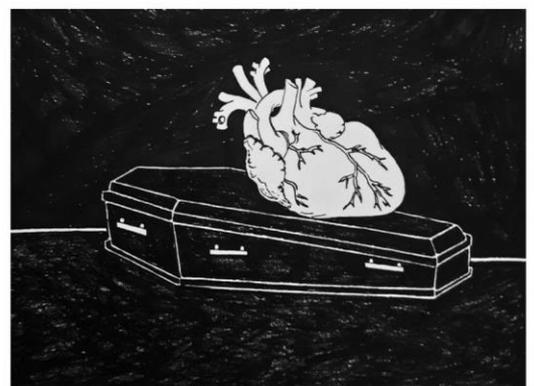
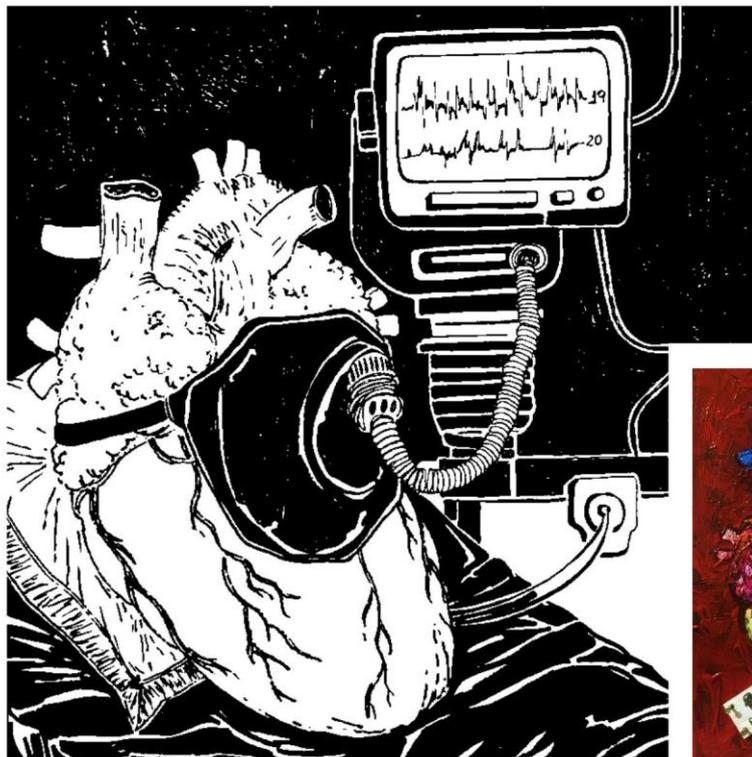
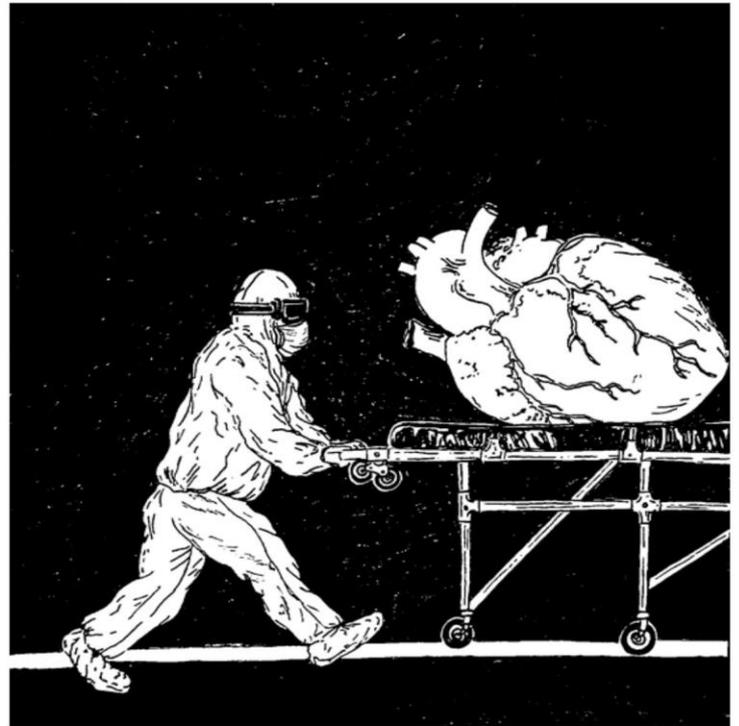
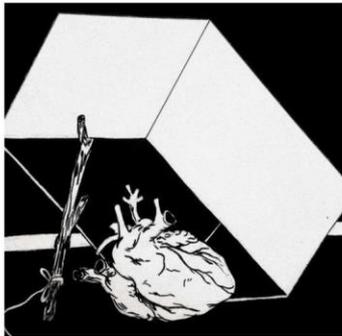
# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS  
VOL. 07, Nº 01 - 1º SEMESTRE - 2022

ISSN 2448-1793

# NOSSOS

DOSSÊ  
**Epidemias  
no Brasil**  
cultura e estética  
das doenças



# Perfil do artista

**Rondinelli Linhares**

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6958145>

Envio: 25/10/2021 ♦ Aceite: 22/11/2021

Por **José Fábio**



Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás, mestre em História pela Universidade Federal de Goiás e licenciado em História pela Universidade Estadual de Goiás. Atua na área de História, com ênfase em Historiografia e História da crítica literária e da Literatura e Teoria e Filosofia da História.

**Rondinelli Linhares**



Artista visual, arte educador e escritor.  
@rondinelli.linhares.oliveira

**ISSO NÃO É UM PERFIL OU UMA CARTA PARA NINGUÉM**

*Para ler ao som de “Inverno”,  
de Adriana Calcanhoto*

Em *A origem da obra de arte*, o filósofo Martin Heidegger indaga sobre o que nasce primeiro: o artista ou a obra de arte? A resposta é simples: embora a obra deva existir para que exista o artista, o artista jamais nasce antes de sua obra. Assim, não vou iniciar esse perfil dizendo que Rondinelli Linhares (Rondi) nasceu na cidade de Anápolis, em 10 de julho de 1979. Para os que acreditam em influência, talvez essa data seja relevante pois, o final dos anos de 1980 e 1990 foi o auge do pop rock nacional com nomes como Cazuza e Barrão Vermelho (são coisas diferentes), Renato Russo e Legião Urbana (idem), Capital Inicial, Engenheiros do Havai, Titãs, Paralamas do Sucesso e muitos outros que são referências constantes na obra de Rondinelli Linhares. Mas eu não sou muito adepto dessa ideia de influência, creio mais em escolhas. Estamos falando de Anápolis, interior de Goiás, se a ideia de influência fosse algo tão latente assim, Rondi seria um cristão de porta de igreja e usaria trechos de músicas de Leandro e Leonardo ou Zezé e Luciano como epígrafes de seus livros e títulos de suas obras. Mas quem o conhece ou terá o prazer de conhecer os seus trabalhos sabe ou saberá muito bem que não é o caso.

Um exemplo claro disso é a sua mais recente exposição, “Faço longas cartas pra ninguém”, trecho retirado da música *Inverno*, interpretada por Adriana Calcanhoto e composta em parceria com Antônio Cícero. Isso, aliás, marca uma das principais características de sua obra: um constante diálogo entre as artes plásticas, a literatura e a música. Apesar de não ser um musicista, a música é presente e um presente em seus trabalhos. Seja ao recomendar ler um determinado conto ao som de uma música específica, seja ao intitular as suas séries artísticas inspiradas em títulos ou trechos de canções, ou ainda, na forte presença do texto escrito/impresso em seus quadros.

O artista nasceu de fato em Anápolis, em algum ponto próximo a virada do milênio. Época em que percorria as ruas da cidade entre a Escola de Artes Osvaldo

Verano e o curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás. Esses dois locais foram fundamentais em sua formação artística. Seja na faceta de artista plástico, seja na faceta de escritor ou mesmo de arte educador. Todavia, a técnica não faz o artista, existe algo que não se ensina, mas ainda assim se aprende. Dessa forma, Rondi, entre o pop rock do final do século passado, a MPB do início desse século, a pop arte de um Andy Warhol e o surrealismo de Magritte e livros e mais livros de Caio Fernando Abreu, Nelson Rodrigues, Hilda Hilst etc., etc., etc., (re)nasceu como artista. A figura icônica e inconfundível de chapéu, óculos e All Star.

Conheci o artista primeiro por meio de seus livros. Contos e poemas incômodos em muitos momentos, assim como deve ou pode ser a obra arte. Não basta entreter, tem que arrancar o leitor de sua zona de conforto. E assim é Rondinelli Linhares, seja nas letras, seja nos pincéis. O que percebi em sua literatura também é explícito em seus trabalhos como artista plástico. Uma variedade enorme de técnicas utilizadas em prol da execução da obra. Rondi trabalha sobretudo com telas, na qual aplica desde as clássicas óleo e acrílica, passando pelo uso de pincéis atômicos, marcadores permanentes, recortes de revistas, linhas de costura, agulhas e clips de papel.

Em relação as temáticas abordadas pelo autor, à primeira vista, percebemos o seu forte engajamento com causas sociais, críticas ao governo e, sobretudo, uma defesa de pautas LGBTQ+. Mas isso, é apenas a superfície, o tema latente na obra de Rondinelli Linhares situa-se na apreensão do mundo pelo indivíduo. Nas relações interpessoais, em sua percepção sobre o amor, a distância, a tristeza, a morte, o sexo, a felicidade e a dor. O artista busca mais do que apresentar a sua visão de mundo, se esforça em perceber também como as pessoas à sua volta (seja presencial ou virtual) reagem às mudanças e às situações do cotidiano. Isso acaba por tornar o seu trabalho mais latente, pois, comportar dentro de si determinados sentimentos e explicitá-los artisticamente já é por si só um esforço. Mas captar as percepções à sua volta, degluti-las e, posteriormente, imprimi-las em telas acaba por aproximar ainda mais o espectador do artista. Visto que não são apenas sentimentos individualizados (sejam bons ou ruins) jogados ao léu, mas uma tentativa de compartilhar com o outro determinadas nuances da vida, da sociedade

e do dia-a-dia. Vamos deixar de lado as generalizações e vamos ao que interessa: a obra de arte.

Destaco aqui três “temas” ou imagens que julgo fundamentais para mergulhar nos trabalhos do artista. Temáticas, aliás, recorrentes, revisitadas e revistas ao longo dos anos: as Cartas, o Coração e o Corpo. Farei descrições breves, visto que o importante mesmo é observar, sentir e “ressentir” as obras.

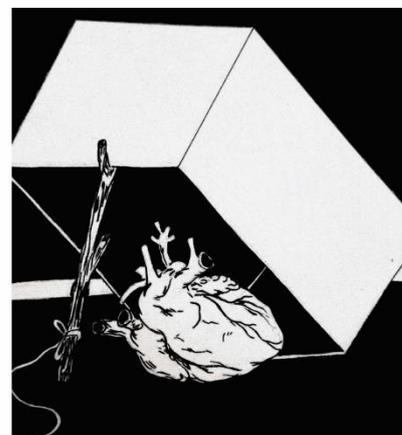
### 1. AS CARTAS.

As cartas fazem parte do título de sua mais recente exposição. Esse elemento, todavia, atravessa a obra do artista como um todo. A figura das cartas remete tanto à memória como, muitas vezes, à dificuldade de comunicação ou entendimento entre os indivíduos e o mundo. Dessa forma, as cartas e um caixão, simbolizam a lembrança e a despedida; as cartas e o indivíduo de cabeça baixa à ausência de resposta – o amor não correspondido –, as cartas e o liquidificador remetem ao que não “deve” ser dito, ou melhor, ao que determinados segmentos sociais não querem ouvir. Ou como bem enumera o artista ao intitular essa série de *Por que há o direito ao grito*.



## 2. O CORAÇÃO.

A imagem do coração é usada de forma literal pelo artista. É uma clara metáfora para o Amor, mas também para o ser humano como um todo – o todo aqui pensado em quanto corpo. Este é um elemento que ganhou novos contornos durante o período mais intenso da pandemia (2020-2021). Assim, vemos corações em camas e leitos hospitalares, o indivíduo entre a vida e a morte, isolado e carente não só dos entes queridos, mas “acima de tudo” carente do braço social e menos intransigente do governo. No entanto, o coração não alude somente à dor, está presente sobretudo como uma “ilustração” do amor e do relacionamento – que, nesse caso, não vê nem cara nem sexo, é apenas um órgão pulsante. Nesse sentido, o coração é uma arapuca, brinca com armadilhas sentimentais; o coração e um fita cassete, remete a momentos divididos com quem se ama ou amou; o coração e um elefante branco (confesso que ainda não o compreendi como um todo) ... seria o peso do amor, como o artista faz na série *Divagações sobre o peso do amor* (2020)?



### 3. O CORPO.

O corpo talvez seja o tema mais vasto e complexo tratado por Rondi Linhares. Isso porquê ele o aborda das mais distintas formas. Na série de 2018, *Nas entrelinhas do horizonte*, ele faz uso de recortes de adesivos (em sua maioria de super-heróis) sobre páginas de revistas masculinas. Extrapola, assim, o que convenientemente se costuma pensar sobre o que vem a ser masculinidade. Na mesma linha temos as séries *Muito além do bordô* (2018-2019), que faz uso dos mesmos elementos estéticos para tratar de sexualidade e *Desejo: humano, demasiadamente humano* (2010-2019). Ainda nessa perspectiva, temos *Só pra (ex)citar Magritte* (2020), uma acrílica sobre tela que faz uso de elementos surrealistas para pensar a maneira como geralmente é tratado o corpo masculino – nesse caso, existe uma alusão à sensualidade retratada tanto na figura da maçã (pecado, prazer), da flor (geralmente relacionada ao universo feminino) e do cachimbo (poder e virilidade). Esta obra também possui uma versão de 2019, em recorte e colagem sobre papel. O corpo também é tratado como ausência em diversas obras do autor, seja na série com recortes de fotografias de rostos com tarja preta nos olhos, nas molduras de quadros ora vazias, ora com imagens de uma vela, camisinhas ou das cores da bandeira LGBTQ+. Em suma, a imagem do corpo transita na obra de Rondi Linhares entre o que se deseja ver e o que “não pode ser mostrado” – tanto dimensão sexual quanto política.

Devo ainda ressaltar que esse breve relato é apenas uma pincela rápida frente à profundidade do trabalho de Rondinelli Linhares. Um artista que mostra a sua força criativa explorando justamente a fragilidade da vida humana. E mais, nos leva a pensar como a vida seria menos confusa e traumática se as pessoas simplesmente aceitassem uns aos outros; se alguns não impusessem de forma egoísta o seu modo de pensar a tantos outros. Como disse no início desse texto, é impossível não se ver incomodado com o trabalho de Rondinelli Linhares. A questão que fica é: é a arte que é incômoda ou somos nós que, muitas vezes, cismamos em querer ver o mundo apenas dentro de nossa bolha? Por sorte, toda bolha é frágil – assim como a vida – e não resisti muito aos ventos

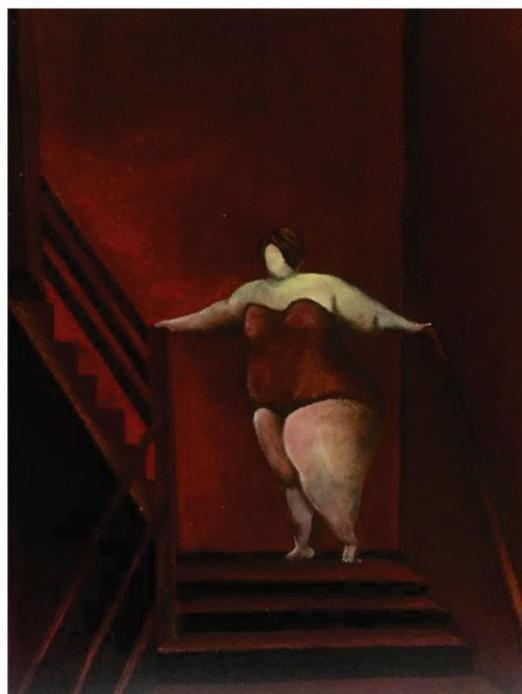
da mudança. Não sei dizer se a arte de Rondi Linhares torna o mundo melhor, mas certamente nos faz o ver e o sentir de forma diferente.

Por fim, pode ser o que o artista não concorde inteiramente com a minha forma de ver a sua obra. Entendo que cada um pode ter a sua opinião ou visão de mundo, mas nesse caso, eu estou certo e ele, mesmo sendo o idealizador, incorre em erro. Quando a arte ganha o mundo, o artista perde a posse. Sorte nossa!

Perfil do artista



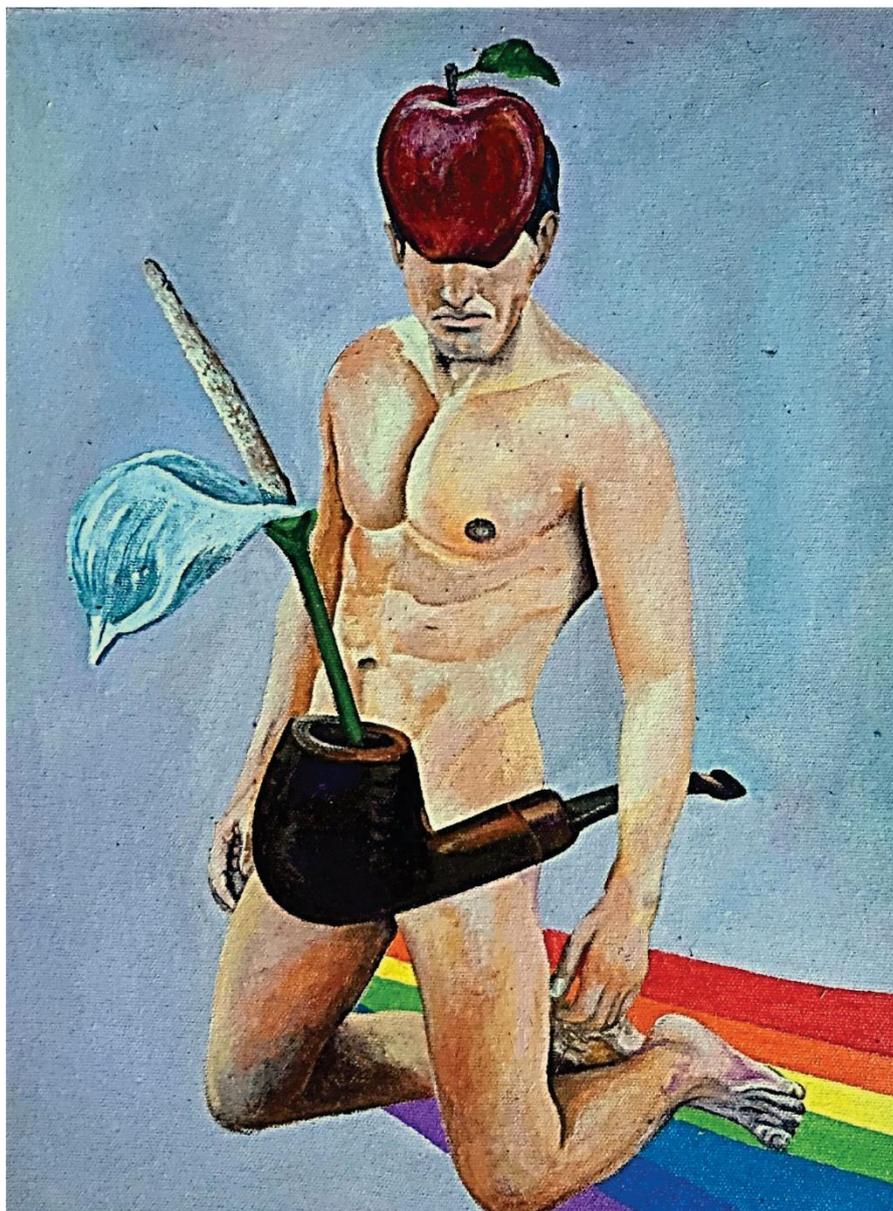
Da série: *Nas entrelinha do horizonte*



Da série: *Quem é você? Quem somos nós?*



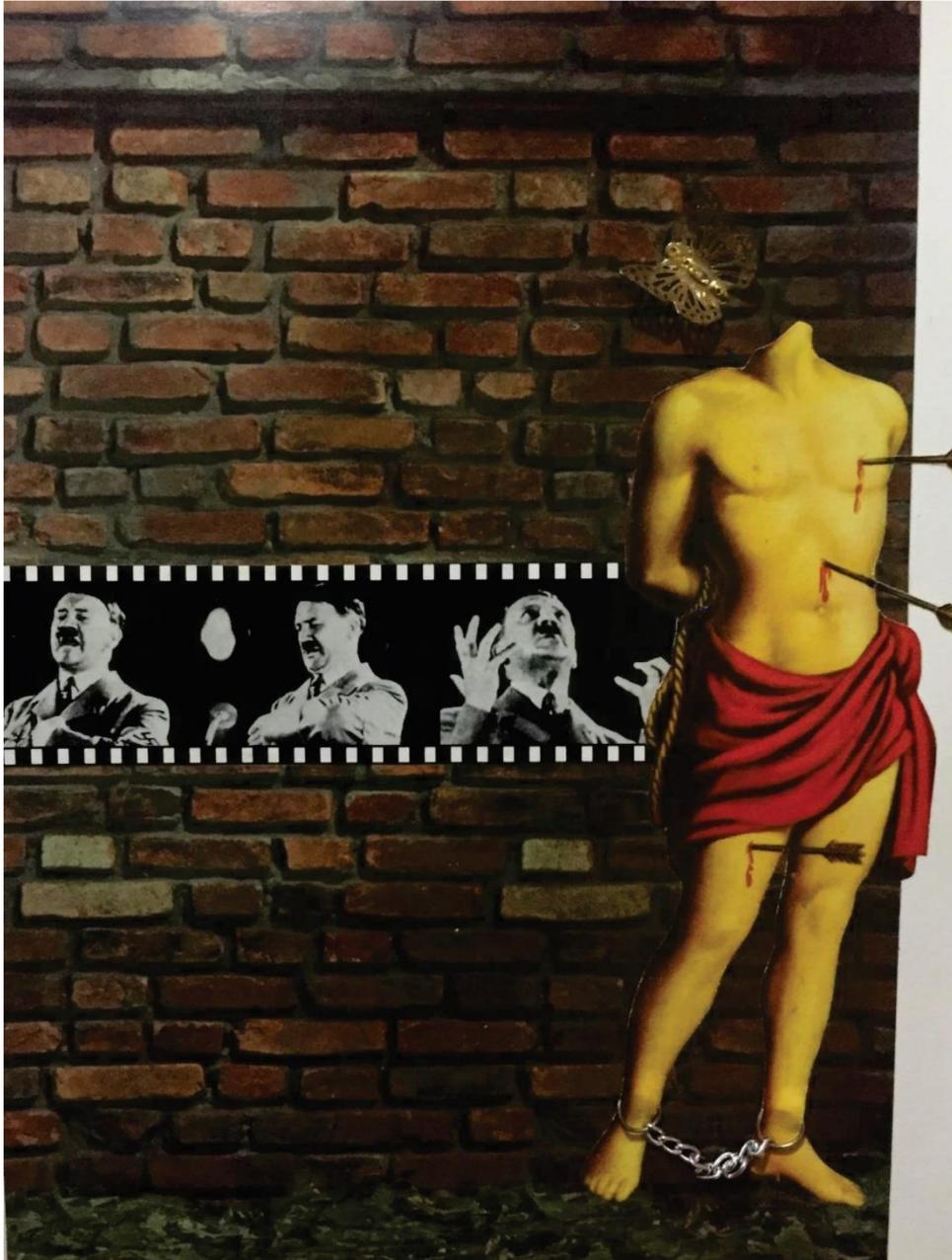
Da série: *Por que fazemos o que fazemos?*



Da série: *Só pra (ex) citar Magritte. 2020*



Da série: Desejo: humano, demasiado humano.



*Canto dos malditos*



Da série: *O amor nos tempos do cólera*